

CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NAS IMPERMANÊNCIAS E PAISAGENS DE CURITIBA

CONSTRUCTION OF SENSES IN IMPERMANENCES AND LANDSCAPES OF CURITIBA

Rosanny Moraes de Moraes Teixeira / UDESC

RESUMO

Este artigo aborda relações com a cidade a partir das percepções da paisagem urbana e seus componentes físicos e relacionais. O local focalizado é o entorno da rodoviária de Curitiba, considerado um lugar de passagem e de impermanências, no qual transitam turistas, viajantes, moradores da cidade e da região. Propõe-se, pautada em princípios da sociosemiótica, uma abordagem teórica que viabilize analisar a construção de sentidos do sujeito com os elementos constituidores da visualidade e da lisibilidade da imagem da cidade, a partir de uma imagem fotográfica do local abordado. Fundamenta-se a proposta na Semiótica Discursiva de Algirdas Greimas e as proposições dos seus seguidores Eric Landowski e Ana Claudia Mei de Oliveira. Deste modo, intenta-se contribuir para o exercício da leitura estética e estésica da cidade e suas múltiplas possibilidades.

PALAVRAS-CHAVE: Construção de sentidos. Paisagem urbana. Semiótica Discursiva. Leitura de Imagem. Impermanência.

ABSTRACT

This article discusses relations with the city starting at the perceptions of the urban landscape and its physical and relational components. The focal point is the surroundings of the bus station in Curitiba, considered a place of passage and impermanence, in which tourists, travelers, residents of the city and the region. Based on the principles of socio-semiotics, it is proposed a theoretical approach that makes it possible to analyze the construction of the subject's senses with the elements constituting the visuality and the lisibilidad of the image of the city, based on a photographic image of the place approached. The proposal is based on the Discursive Semiotics of Algirdas Greimas and the propositions of its followers Eric Landowski and Ana Claudia Mei de Oliveira. In this way, we try to contribute to the aesthetic and esthetic reading of the city and its multiple possibilities.

KEYWORDS: Construction of senses. Urban landscape. Discursive Semiotics. Image Reading. Impermanence.

PAISAGENS URBANAS E A CIDADE CONTEMPORÂNEA

As cidades na contemporaneidade projetam-se em múltiplas imagens que se desdobram em outras, apresentando-nos diversos modos de perceber e interagir com o espaço urbano. Território social, a cidade contemporânea é como um organismo vivo, pulsante, que não dorme nem descansa, propondo atividades incessantes aos seus habitantes ou aos sujeitos de passagem.

Rossi (2001, p. 57) afirma que “a forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade.” Toda cidade contém na sua estrutura geográfica as marcas de sua história, contada em várias versões, conforme suas gerações, como paisagens, que se modificam no tempo, com seus trânsitos e locais de encontros ou desencontros. A paisagem é, então, uma metáfora adequada para abordar a cidade contemporânea.

A paisagem urbana é, então, construída a partir de uma visão múltipla, adquirida pelo movimento constante do espectador, e não uma visão de totalidade. Para Peixoto (1998, p.127) não existe mais um olhar contemplativo: “não há visibilidade imediata”. A cidade está todo o tempo em transformação, tudo pode ser derrubado, substituído e reconstruído.

Encarada como um caleidoscópio, a cidade contemporânea exige uma reorganização da visão através de um novo tipo de espectador. Assim, a paisagem urbana é formada por vários pontos de vista, perspectivas e linguagens sobrepostas, observadas simultaneamente, em grande velocidade. Segundo Peixoto (1998, p.179):

As transformações mais radicais na nossa percepção estão ligadas ao aumento da velocidade da vida contemporânea, ao aceleração dos deslocamentos cotidianos, à rapidez com que o nosso olhar desfila sobre as coisas. [...] O olhar contemporâneo não tem mais tempo.

Em diálogo com a ideia apresentada, Santos (1997, p. 41) propõe a noção de tempo como fundamental na compreensão dos fenômenos urbanos: “a sociedade é atual, mas a paisagem, pelas suas formas, é composta de atualidades de hoje e do passado.” O tempo pode ser um elo entre as paisagens e as percepções provocadas pelas interações com os espaços da cidade.

Peixoto (1998, p. 21) inquire: “como fazer o olhar recuperar a paisagem? Trata-se de narrar a cidade sem ser pela descrição – as cifras arrecadadas pelos impostos ou as dimensões das novas avenidas.” A relação do tempo com as imagens que a cidade oferece pode proporcionar ao leitor caminhos para a construção de sentidos, e despertar encontros estéticos com os lugares da cidade.

A CIDADE E SEUS ACTANTES: PERCURSOS GERATIVOS DE SENTIDOS

No exercício de construir sentidos a partir de imagens urbanas e de interações com a cidade, esses sujeitos em ação são entendidos como “actantes”, e podem desenvolver diversos papéis no processo de interação e de significação. Para Greimas e Courtés (1989, p. 12-13) o actante “pode ser concebido como aquele que realiza ou que sofre o ato, [...]” o conceito de actante pode substituir o termo personagem, estendido para seres humanos, animais, objetos e conceitos.

Neste exercício, optamos metodologicamente, pela abordagem de alguns aspectos da semiótica discursiva de Greimas, e alguns desdobramentos da sociosemiótica de Landowski e de Oliveira, possibilitando o exercício de leitura de uma imagem da cidade, e o estudo de um percurso gerativo de sentido das práticas da vida urbana.

Consideraremos neste ensaio a imagem fotográfica e também os valores intrínsecos à sua captação, que é a experiência corporal na cidade e sua dimensão sensível; ou seja, consideraremos o enunciado, ou texto visual, bem como a enunciação, que, segundo Fiorin (2016, p. 55) “é a instância que povoa o enunciado de pessoas, de tempos e espaços”, deixando marcas na construção do texto imagético.

Na trama interacional entre o enunciador (destinador) e o enunciatário (leitor), ocorre uma construção de sentido, que, de acordo com Oliveira (2005, p. 116) pode sofrer “distintas significações”, uma vez que o sentido do enunciado se modifica, conforme as “variações das instâncias enunciativas”. O tempo, o espaço e as condições culturais implicam em diferentes enunciações.

A construção das enunciações tem implicação na linguagem, entendida como uma construção social, na relação com o outro, de acordo com as condições do repertório de cada um. Por ser um processo mediado, carrega condições de subjetividade dos sujeitos, que influenciarão nas variações enunciativas.

Na proposição da semiótica discursivaⁱ, segundo Floch (2001), toda linguagem é composta por dois planos, e a construção de sentidos é elaborada na relação entre o plano de conteúdo e o plano de expressão, ou seja, nas relações estabelecidas entre as qualidades narrativas e as qualidades plásticas, respectivamente.

O plano de conteúdo é concebido em articulação com o plano de expressão, ou seja, o sentido se constrói na relação entre estes dois planos. Floch (2001, p. 9) nos esclarece: “o plano da expressão é o plano onde as qualidades sensíveis que possui uma linguagem para se manifestar são selecionadas e articuladas entre elas por variações diferenciais.” Neste caso, a linguagem é visual. O autor (2001, p. 9) explica que o plano de conteúdo: “é o plano onde a significação nasce das variações diferenciais graças às quais cada cultura, para pensar o mundo, ordena e encadeia ideias e discursos.”

As relações que se estabelecem entre o leitor (enunciatório) e os acontecimentos ou fenômenos urbanos podem ser compreendidas e analisadas a partir de registros de imagens. A partir do pressuposto de que as imagens sejam linguagens, Ramalho e Oliveira (2006, p. 210) nos orienta que “uma das características principais de uma linguagem é sua capacidade de falar de si mesma”, reafirmando os pressupostos de Greimas.ⁱⁱ Deste modo, continua a autora (2006, p. 212) é importante “des-construir” a imagem, para que seja possível chegar à sua complexidade e ao “seu todo significante”.

As imagens urbanas têm a potência da leitura e das interações com o leitor, seja este o sujeito que transita nos lugares da cidade, seja o leitor de uma imagem publicada. Baseada nos conceitos de Greimas e Landowski, Ramalho e Oliveira (2006, p. 216) afirma a autonomia da imagem, cujos procedimentos relacionais possibilitam que esta “fale” por si mesma e dialogue com seu leitor, “independentemente do que seu autor teria querido dizer: para a semiótica greimasiana ou discursiva, o importante não é o que o criador da imagem quis dizer, mas o que ele disse.”

Segundo Landowski (1995, p. 240)

TEIXEIRA, Rosanny Moraes de Moraes. Construção de sentidos nas impermanências e paisagens de Curitiba, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.1138-1151.

qualquer que seja o meio de expressão utilizado (verbal ou outro), mal acabamos de nos 'expressar', e já não nos pertencem mais as formas - palavras, gestos, etc. - que, no entanto, cuidadosamente escolhêramos para produzir certo sentido, e não outro. Falando, gesticulando, o sujeito cria materialmente um dado 'enunciado', o qual, uma vez produzido, existe como objeto autônomo, disjunto de seu produtor, e portanto, capaz de significar por si só, independentemente tanto do que o enunciador pode ter intencionado dizer ao fazê-lo existir, quanto da maneira segundo a qual a identidade 'real' daquele sujeito enunciador se poderia definir

Os caminhos de construção de sentidos de uma imagem são inúmeros, porque também o são as possibilidades de relações entre os elementos visíveis, no plano de expressão e as significações, no plano de conteúdo. De acordo com Oliveira (2005, p. 113),

[...] a semiótica trata o contexto a partir do texto, assumindo que este porta marcas de seu tempo, de seu espaço, assim como as dos valores e concepções do sujeito que o anuncia na sua própria estruturação, quer pelas escolhas das estratégias de por em discurso, quer por aquelas com as quais manifesta o plano do conteúdo em seu arranjo expressivo.

Portanto, nessa relação na qual se constroem os sentidos, amplia-se o que é visível para o lisível. A respeito da lisibilidade, Oliveira (2001, p. 07) esclarece-a como: "um texto que tem a força para colocar os sujeitos na presença das coisas." E ainda, propõe ao sujeito: "aceitar fazer parte de uma experiência vivificante, intensa, comandada pelo sensível e pelo inteligível que, ininterruptamente, insiste em nos convidar a aderir."

Compreendemos que essa experiência seja aberta, e a cadeia de significações pode ser recriada, conforme os procedimentos relacionais adotados pelo sujeito leitor. Este fator nos remete ao conceito de imanência, sobre o qual Oliveira (2005, p. 113) afirma:

A semiótica adota a abordagem *imane*nte, segundo a qual a significação faz parte do próprio texto, dos seus modos de produção e estruturação, o que lhe permite reconstituir o contexto do qual emerge e do qual, mais importante ainda, é uma das construções (itálico da autora).

Para que o encontro estésico aconteça, é necessário considerar o tempo, de modo que o olhar anestesiado dê lugar à curiosidade, ao sensível. Seja uma imagem, ou uma experiência concreta na cidade constitui-se parte do processo o

descondicionamento do olhar e dos sentidos, para além da aparência e da rapidez superficial. Daí o caráter sensível e também educativo da semiótica.

Propomos, então, a metáfora do passeio do olhar pela cidade e pelas imagens que dela se extraem, no qual a desconstrução, a reconstrução e os múltiplos caminhos de significação visam construir uma interação. É no passeio que o tempo se estende, se dilata para perceber, ler, sentir e provocar interações.

Ao abordar os sujeitos da cidade, entendendo-os como corpos em interação: cidadão e cidade, Oliveira (2014, p. 4), atribui o conceito de interação:

Entendido como um ato transitivo entre sujeitos é um ato que possibilita apreender, compreender e interpretar a relação que se estabelece entre a cidade e a população. A relação é de inter-ação, tanto da cidade quanto da população que são os sujeitos parceiros do próprio mecanismo operatório da construção de sentido.

A cidade constitui e é constituída por práticas de vida, como uma teia de relações, cujos “percursos gerativos de sentidos” são inesgotáveis, assim como as experiências na cidade. A semiótica pode contribuir ao desvelamento do potencial estético e estésico, contrário à banalização do cotidiano dos cidadãos.

ENTORNOS DA RODOVIÁRIA DE CURITIBA: SUJEITOS EM INTERAÇÃO

Somado à estrutura arquitetônica e urbanística ocorrem movimentos econômicos, sociais, culturais e artísticos que impactam a rotina das cidades e, conseqüentemente, as experiências dos cidadãos. Rossi (2001, p. 9) afirma que a estrutura urbana tem uma “relação indissolúvel com o modo de ser e com o comportamento das pessoas.”

No entanto, as mudanças ocorridas com processo de desenvolvimento, que são contínuos ao longo da história das cidades, nem sempre são percebidos como experiências estéticas no dia-a-dia dos transeuntes. No olhar apressado, pouco tempo sobra para as experiências sensíveis.

As manifestações artístico-culturais das cidades propõem mobilizar o olhar dos cidadãos e levá-los a novas percepções, de modo que seus corpos sejam participantes do processo e que o olhar anestesiado seja remetido a novos sentidos. Para Peixoto (1998, p.40): “Não é necessário criar um mundo, mas a possibilidade

dele.” E o autor continua (1998, p.42): “A arte na cidade só pode aludir ao que ali nos escapa, ao que ali não tem lugar.” Inferimos que a arte urbana é um potencial para mobilizar os sujeitos.

Propomos a construção de dois percursos de leitura “geradores de sentidos”: um baseado na leitura da imagem fotográfica apresentada a seguir, e outro baseado na experiência sensível com o local de onde a imagem foi captada. Os percursos são inter-relacionados em seus processos, reforçando a importância da leitura crítica, tanto da imagem quanto da experiência com a cidade.

O local da cidade focalizado é o entorno da Rodoviária de Curitiba: um cruzamento de ruas com a via férrea, sobre o qual se estrutura o Viaduto do Capanema, do início da década de 1970. É uma região central, de contínuo fluxo de pessoas, automóveis, meios de transporte coletivos, inclusive trens de carga. Próximo ao Mercado Municipal, esta é uma região nodal, com engarrafamentos em horários de pico e visualmente apresenta edifícios e edificações de épocas diversas.

As questões norteadoras das construções de sentido são: a partir da experiência corporal com a cidade, que experiências sensíveis podemos construir com o local da cidade? E ainda, que leituras da cidade a imagem fotográfica oferece?



Figura 1: Vista do Viaduto do Capanema; Estevan Reder, da Série *Ser Passagem*, intervenção urbana em lambe-lambe em escala monumental, instalado na coluna, em Curitiba, 2016.ⁱⁱⁱ
 Fonte: acervo da autora, imagem captada em setembro de 2017.

Exercício de leitura de uma imagem: o que vemos? A estrutura central da imagem fotográfica evidencia o volume vertical da coluna amarela, suportando o peso do volume horizontalizado em vermelho, que ocupa o terço superior da imagem, juntamente com o branco do céu. O terço inferior da imagem registra em tons de cinza o traçado de calçadas e ruas, com a presença de um semáforo à direita, em primeiro plano, e dois posteriores à esquerda da coluna.

Observamos então, três grandes estruturas que compõem o esquema visual predominante da imagem: a coluna vertical amarela, a laje em vermelho e a área das ruas e calçadas, na parte inferior. Estas estruturas estão diretamente relacionadas ao esquema da estrutura básica descrita anteriormente, e se conectam aos procedimentos relacionais a seguir.

Observamos que se trata de uma imagem panorâmica, na qual percebemos planos e elementos distribuídos em gradientes de profundidade diversos. O vermelho é percebido mais intensamente na lateral da laje, e em tom rebaixado na parte inferior do viaduto, indicando que a imagem foi captada na posição de um pedestre. A coluna amarela, ponto de maior atenção da imagem, também apresenta duas tonalidades, provavelmente pela incidência da sombra da estrutura horizontal. No semáforo, à esquerda, em plano posterior, está um carro de faróis acesos, indicando ser ali uma pista da avenida. Encostado à coluna, do lado direito, observamos o volume de um carrinho de coleta de lixo reciclável, e à frente deste, um pequeno volume de cor clara, indicando alguém deitado e coberto. A luz intensa e vermelha do semáforo é evidenciada no lado direito da imagem, em primeiro plano. Por se tratar de um dia nublado, as cores se apresentam rebaixadas, valor este que reduz o brilho e os contrastes da luz solar.

No plano anterior à coluna amarela, as faixas perspectivadas de pedestre no asfalto indicam que a linha do horizonte da imagem é baixa, condizente com o olhar de um passante. Outra característica é o ângulo perspectivo, no qual se observam linhas de fuga convergindo, em maior tensão para a direita, mas também para a esquerda, indicando uma posição oblíqua para a captação da imagem. Este breve exercício de leitura da imagem, a partir dos elementos formantes do plano de expressão, é uma entrada para que se possam desenvolver relações com seu conteúdo.

Propomos um segundo momento de leitura da imagem, que é o foco específico na coluna vertical e seus elementos presentes: observando atentamente percebemos uma imagem com predominância em cor azul, em proporção monumental. Trata-se de uma figura feminina, de costas, percebida como se estivesse caminhando, indicado pelo movimento dos pés. Carrega uma sacola no ombro esquerdo e outra na mão direita, gerando equilíbrio de pesos. Esta figura feminina está de cabelo preso, e seus trajes são simples, em azul, calçando um chinelo nos pés. Poderia ser a imagem de uma pessoa caminhando por uma rua qualquer. Chama a atenção o fato de a imagem estar fixada na parede, delimitada por seu próprio contorno, gerando maior efeito de integração com a parede amarela. Na metade inferior desta imagem, na região das pernas, encontramos outros elementos visuais que não fazem parte desta figura: são inscrições urbanas em preto, possivelmente feitas em tinta spray, cuja mensagem não é claramente identificável, e ocupam as duas laterais da figura feminina. Olhando mais atentamente encontramos ainda uma terceira intervenção urbana, que são imagens retangulares, na posição de paisagem, com registros em preto e branco^{iv}, sem a possibilidade de identificação do seu conteúdo, devido à pequena dimensão e à distância com que a imagem foi captada.

Portanto, o elemento estrutural da imagem fotográfica, e também o elemento estrutural do viaduto, a coluna amarela, torna-se, então, o disparador das relações de sentidos que pretendemos desenvolver. O viaduto, enquanto um “fato urbano”, ou seja, nas palavras de Rossi (2001, p. 5), um elemento de “permanência”, integra as experiências de passagem, as relações estéticas com os elementos móveis da cena urbana: pessoas, automóveis, carrinhos de catadores, entre outros. Para além da fotografia, a cena se desenvolve num filme contínuo, um fluxo ininterrupto de movimentos e repousos, disponíveis a quem estiver apto a sentir, perceber, apreender, interagir.

CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: IMAGENS E IMPERMANÊNCIAS

Abordamos a linguagem fotográfica de um flagrante urbano, um momento qualquer, de um dia trivial. Porém, a cidade se apresenta como um palco aberto a situações impermanentes, que se modificam no instante seguinte, por qualquer dado novo que se apresente na “cena”.

TEIXEIRA, Rosanny Moraes de Moraes. Construção de sentidos nas impermanências e paisagens de Curitiba, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.1138-1151.

Desprovida de aparatos técnicos ou sofisticados, a imagem fotográfica aqui referenciada é antes o registro de uma realidade que é exterior a ela, conforme afirma Landowski (2017, p. 27): “a linguagem é aquilo pelo qual damos ao mundo a aparência que o mundo reveste para nós: o parecer de um mundo *significante*” (itálico do autor).

A oposição semântica entre o ser e o parecer da cidade nos remete ao movimento de construção dos sentidos: cidade e cidadão em interação. Ao contrário da fotografia, que fixa um instante flagrado, passível de análise formal, a impermanência da cidade se afirma na passagem, nas interações rápidas, que se refazem a cada nova percepção, a cada novo movimento. Conforme propõe Oliveira (2014, p. 04),

Apreender esse estado dinâmico em sua própria dimensão transformacional, não é tarefa das mais fáceis e implica investigar os estados de alma que desencadeiam a esfera sensível que emana da gente e dos lugares e gravitam na vida da localidade.

A complexidade que se apresenta nesta dinâmica apontada pela autora conduz a uma questão qualitativa da interação, na qual o tempo, as condições sensíveis e inteligíveis são combinadas. Landowski (2005), ao considerar a dimensão da experiência, defende a semiótica sensível. O autor assevera que não é possível analisar categorias do inteligível sem as qualidades sensíveis, ao contrário, ambas se completam.

Com base nesta abordagem, propomos uma narrativa urbana, com o intuito de que os sentidos sejam construídos a partir das memórias da experiência com a cidade. A concepção dos regimes de interação propostos por Landowski (2014) constroem um percurso gerador de sentido que procura dar conta das relações em constante movimento, que são as práticas de vida.

Os quatro regimes de interação, a saber: programação, manipulação, ajustamento e acidente são fundados, conforme explica Pillar (2010), sobre os princípios de regularidade, intencionalidade, sensibilidade e acidentalidade, respectivamente. Os regimes levam em conta a natureza dinâmica das interações, porque se dão nas

relações humanas, nas quais a subjetividade é um fator a ser considerado. Por isto então a proposição da semiótica sensível.

Para fins de delimitação metodológica deste artigo, propomos enfatizar no exercício a seguir o regime de ajustamento, o qual, de acordo com Landowski (2014, p. 19) é “fundado na sensibilidade dos interactantes”, e no qual ocorre o “fazer sentir”. Para o autor (2014, p. 50-51) é onde ocorre o “contágio entre sensibilidades”, ou ainda, “corpos que se sentem e corpos sentidos.” A relação estésica, portanto, se dá neste regime, entendida como a “capacidade de sentir reciprocamente”.

Eis um exercício de registro de uma cena: trânsito intenso no entorno da Rodoviária de Curitiba de uma manhã nublada de setembro. Pausa de segundos no sinal vermelho do semáforo mais próximo ao Viaduto Capanema. Espera. O que se apresenta na cena? Um cruzamento complexo de três vias, com uma rede férrea, semáforos de ambos os lados, e à frente o peso visual da coluna amarela, sustentando a laje em vermelho das pistas superiores do viaduto. O olhar é conduzido para coluna amarela, e para a força visual das intervenções urbanas. Movimento rápido para captação da imagem pela câmera do celular. Através da janela do carro: fugacidade do instante, enquadramento apressado, flagrante da cena cotidiana da cidade. O sinal abre e o trânsito acelera, a atenção se volta para o movimento do tráfego e o carro segue seu trajeto. O que foi enquadrado naquele instante de pausa do trânsito? Por que esta imagem interessa? Que efeitos de sentido provocam?

A interação com este lugar da cidade é marcada pela rotina, estabelecida ao longo de anos, das passagens entre o ir e o vir da rodoviária. A captação da imagem fotográfica foi rápida, sem tempo para elaborações de enquadramento ou de incidência luminosa; nem mesmo a espera por um dia de atmosfera mais favorável para o registro. No entanto, o que motiva o registro da imagem? O que mudou na paisagem deste local da passagem? Morar na cidade é insuficiente para o aprendizado e as descobertas que se faz dos lugares. Oliveira (2014, p. 7) expressa o “estado de disponibilidade” para apreender a cidade. E prossegue afirmando que:

Somos todos muito sensíveis e o que criamos nas interações com a cidade carrega essa sensibilidade inteligível que resulta das

apreensões que estamos disponíveis a sentir e que são vividas por nosso corpo em interação com o corpo da cidade no que chamamos de inventário de experiências de vida.

Esse “estado de disponibilidade” apontado pela autora aproxima o conhecer e o sentir, proporcionando a relação estésica com o sujeito, ou seja, o actante que sente no corpo, e por isto mesmo se deixa contagiar. O encontro sensível entre sujeitos, Landowski (2005) denomina metaforicamente de contágio, no qual ocorre uma “transformação recíproca em ato”. A reciprocidade entre os sujeitos neste modo de interação, complementa Pillar (2010, p. 1931), “gera mudanças em ambos os sujeitos, que, no entanto, mantém suas singularidades.” Ao mesmo tempo, esse encontro possibilita “descobrir-se na experiência”.

Sobre a programação da cidade e sua rotina ocorre o movimento humano, cuja subjetividade, impacta o olhar de quem esteja disponível a construir uma narrativa sensível, porém impermanente. Oliveira (2014, p. 14) propõe que os sentidos possam “produzir impactos sensíveis”, já que “o processamento das estesias é intercomunicante, e se dá como prática contextualizada”: copresenças de sujeitos em interação, sujeito e cidade.

O olhar é transformado a cada intervenção, contagiando o olhar na busca de sentidos. A paisagem não é mais a mesma, o movimento ocorreu e está disponível para outras narrativas e interações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exercícios propostos neste ensaio evidenciam a complexidade do universo semiótico e também das inúmeras possibilidades de articulação deste campo teórico com as demandas contemporâneas. São múltiplos os desdobramentos que as imagens da cidade, em sua condição de impermanência possibilitam ao leitor.

É desafiador abordar concepções teóricas em construção, no entanto é também gratificante perceber que as proposições dos teóricos aqui focalizados estão longe de serem esgotadas. Ao contrário, instigam a novas pesquisas e desdobramentos.

Para Landowski (2005, p. 99): “Hoje, além do visível, a urgência é de identificar as categorias adequadas para tratar os efeitos de sentido induzidos por nosso contato

com o conjunto das qualidades estéticas imanentes às coisas ou aos seres com os quais nos confrontamos.”

As leituras propostas nestas páginas se apresentam incipientes, mediante a densidade teórica e conceitual proposta pela semiótica discursiva, especialmente nos desdobramentos que os pesquisadores atuais têm desenvolvido. As pesquisas atuais, ancoradas nos princípios de Greimas e seus seguidores, acenam como faróis para construções de sentidos que abranjam a complexidade da visualidade contemporânea, seja na produção da arte, na cidade ou nas relações humanas.

Notas

¹ De acordo com Ramalho e Oliveira (2006) a conjugação dos dois planos que estruturam o texto e se interdependem – plano de expressão e plano de conteúdo – são formulações de L. Hjelmslev, com base na teoria linguística de F. Saussure. Esta proposição foi estudada na semiótica discursiva, em especial pelo colaborador de Greimas, Jean-Marie Floch, em sua teoria da semiótica visual.

² GREIMAS, A. Semiótica figurativa e semiótica plástica. In: OLIVEIRA, A. C. (org.) **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker, 2004, p. 75- 96.4

³ Estevan Reder é artista visual, fotógrafo, desenvolve intervenções urbanas em várias capitais brasileiras e da América Latina. A imagem integra a Série *Ser Passante* (2016), composta por oito lambe-lambes em escala monumental, instalados em vários pontos do centro da cidade de Curitiba, a partir de registros fotográficos de pessoas anônimas das cidades. Dados disponíveis em: <http://www.obrasdarte.com/intervencoes-urbanas-de-estevan-reder-em-exposicao-no-museu-da-fotografia/> Acesso: 10 de janeiro 2018.

⁴ Lambe-lambe em preto e branco, instalado em março de 2016, pelas alunas L. C., L. A. e Y. C., referente ao Projeto Cidade, desenvolvido no primeiro ano da Licenciatura em Artes Visuais da FAP – Campus II de Curitiba da UNESPAR, cujo tema de pesquisa visual foi relacionado à história do Viaduto do Capanema.

Referências

- FIORIN, José Luiz. Elementos de análise do discurso. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FLOCH, Jean-Marie. Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral. In: Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas. São Paulo: CPS, 2001, p. 03-29.
- GREIMAS, A.; COURTÉS, J. Dicionário de Semiótica. São Paulo: Cultrix, 1989.
- LANDOWSKI, Eric. Com Greimas: interações semióticas. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2017.
- _____. Interações arriscadas. São Paulo: Estação das Cores e das Letras/Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2014.
- _____. Para uma semiótica sensível. Educação e Realidade, Porto Alegre: UFRGS, v. 30, n. 2, p. 93-106, jul./dez. 2005.
- _____. O semioticista e seu duplo. In: A. C. Oliveira; E. Landowski, (orgs). Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas, 1995.
- OLIVEIRA, Ana Cláudia Mei. Interação de sentido nas práticas de vida. In: XXIII Encontro Anual da Compós, Belém. Anais eletrônicos...Universidade Federal do Pará, 2014. p. 01-16. Disponível em: <http://compos.org.br/encontro2014/anais/>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- _____. Visualidade, entre significação sensível e inteligível. Educação e Realidade. Porto Alegre: UFRGS, vol. 30, n. 2, p. 107-122, jul./dez. 2005.
- _____. Lisibilidade da imagem. Revista da FUNDARTE. Montenegro: FUNDARTE, vol. 1, n. 01, p. 3-7, jan./jun. 2001.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. Paisagens urbanas. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC/FAPESP, 1996.

PILLAR, Analice D. Contágios entre arte e mídia no ensino da arte. In: 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Cachoeira. Anais Eletrônicos... Universidade Federal do Recôncavo, 2010. p. 1927-1940. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/encontros/anais/>. Acesso em 09 out. 2017.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra R.. Sobre leitura de imagens. In: ZANELLA, Andréa V. et. al. (orgs.). Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007, p. 37-55.

_____. Imagem também se lê. In: DA ROSS, Silvia Z.; MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa V. (orgs.). Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006, v.11, p. 209-220.

ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1997.

Rosanny Moraes de Moraes Teixeira

Doutoranda no Programa Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, PPGAV do CEART/UEDESC, na Linha de Ensino da Artes Visuais. Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV do CEART/UEDESC. Professora Assistente do Colegiado de Artes Visuais da Faculdade de Artes do Paraná - FAP - Campus de Curitiba II da UNESPAR.